

Editorial

Periódico científico do Programa de Pós-Graduação em História da Arte da Universidade Federal de São Paulo, *Imagem: Revista de História da Arte* tem a satisfação de apresentar o volume 7, número 2, referente ao segundo semestre de 2025.

Este número apresenta o dossiê temático “**História e Historiografia da Arte: problemas atuais e horizontes para o futuro**”, organizado por Jefferson de Albuquerque Mendes. Ele reúne artigos de pesquisadoras e pesquisadores que revisitam criticamente os fundamentos da disciplina, propondo uma reflexão coletiva sobre os desafios contemporâneos da História da Arte, suas fronteiras disciplinares e suas possibilidades futuras.

A partir de perspectivas diversas, o conjunto de artigos discute questões como a persistência e os limites de categorias clássicas — como estilo, escola, autoria, obra, valor e canonização —, os efeitos das políticas culturais e acadêmicas no fazer historiográfico, as aproximações entre História da Arte e curadoria, os usos públicos da arte e o papel das instituições de memória, entre outros aspectos. Os autores e autoras percorrem temas que vão desde a arte colonial e suas reavaliações críticas, da formação de coleções e da circulação internacional de objetos artísticos, até as teorias formadoras da história da arte e as discussões historiográficas voltadas ao gênero. O dossiê evidencia, assim, um campo em permanente revisão e abertura, atento aos atravessamentos de raça, classe, gênero, globalização e territorialidade, e comprometido com uma escuta ativa às transformações sociais, políticas e culturais em curso.

Complementando o volume, trazemos uma **seção de artigos de temática livre**, com o objetivo de ampliar o escopo cronológico e geográfico da revista, incorporando abordagens inovadoras sobre a visualidade em contextos diversos.

No artigo “**Estética lacunar e estratégias de visibilização**”, Ramsés Albertoni Barbosa propõe uma articulação entre ética, estética e escuta crítica a partir da obra da artista chilena Voluspa Jarpa, que transforma documentos desclassificados por agências de inteligência em dispositivos poéticos e políticos de resistência. O autor define a “estética lacunar” como um método visual de reinscrição simbólica

do trauma e da censura, destacando o papel do arquivo como campo ético da arte contemporânea.

Em “**Madonas e Pietàs ucranianas**”, Anna Clara do Carmo Murça investiga a presença de fórmulas de *pathos* em fotografias de guerra produzidas pela Associated Press, revelando como gestos de maternidade e cuidado emergem como signos de resistência e memória em meio ao horror do conflito Russo-Ucraniano. A autora conecta os repertórios iconográficos da história da arte à representação do feminino em contextos de violência, propondo uma leitura crítica das imagens jornalísticas a partir de Aby Warburg e Georges Didi-Huberman.

O artigo “**Imagens em combate**”, de Álvaro Saluan da Cunha, revisita o imaginário visual da Guerra do Paraguai (1864–1870) por meio de litografias e ilustrações publicadas na imprensa oitocentista brasileira. A partir de uma análise iconográfica e contextualizada, o autor destaca as tensões entre propaganda oficial, crítica social e construção da memória visual do conflito, revelando as imagens como dispositivos de mediação política e pedagógica.

Já em “**Tao Sigulda: coordenadas de análise e interpretação da obra**”, Andrei Fernando Ferreira Lima oferece uma leitura refinada da obra do artista letão radicado no Brasil, sob a chave da “transposição” estética. Inspirado por Gérard Genette, o autor propõe um enquadramento hipertextual da pintura *Natureza morta* (1991), explorando os diálogos da produção de Sigulda com os signos da chamada “Era Atômica” e com os repertórios do século XX.

A seção “**Texto de Artista**” acolhe a contribuição de Renato Queiroz Alves, integrante da Companhia Bueiro Aberto, coletivo de cinema de periferia. Em “**As três fases da imagem na prática artística da Companhia Bueiro Aberto**”, o autor compartilha um relato crítico sobre a trajetória do grupo, associando sua produção audiovisual a três formas narrativas — panfleto, folhetim e ensaio — que expressam, cada uma à sua maneira, o engajamento político e estético com o território da quebrada. A reflexão propõe uma leitura situada e potente das imagens como formas de mobilização coletiva e transformação social.

A edição se encerra com a resenha crítica de **Gabriela Traple Wieczorek** sobre o livro de artista *On Mass Hysteria: A Proto-Language of Protest* (2024), de Laia Abril. Integrando o projeto *A History of Misogyny*, a publicação examina os surtos de histeria coletiva como forma inconsciente de protesto contra sistemas

de opressão. A resenha evidencia como a obra, ao se debruçar sobre episódios históricos e contemporâneos em diversos países, propõe uma nova linguagem para narrar o sofrimento coletivo feminino, desafiando os discursos biomédicos e patriarcais que historicamente silenciaram tais experiências.

Com este volume, *Imagem: Revista de História da Arte* reafirma seu compromisso com a pluralidade de vozes, métodos e olhares que atravessam o campo da História da Arte na atualidade. Desejamos a todas e todos uma excelente leitura!

Marina Soler Jorge e Elaine Dias

Editoras-chefes da *Imagem: Revista de História da Arte*